



## **SOBRE O CONCEITO DE COMPOSIÇÃO NA TEORIA DA ARTE LUSITANA**

**Raquel Quinet Pifano**

UFJF

Fazer o Brasil conhecer o seu passado artístico colonial, pode-se dizer, foi uma das bandeiras do “SPHAN modernista”. O Brasil conheceu grandes artistas, entre os quais Aleijadinho, o caso mais emblemático. A imagem do artista genial marcado pelo temperamento impulsivo e portador de uma expressão nacional marcou toda uma geração de pesquisadores, devedora de Mário de Andrade, entusiasmada e ansiosa em colocar de vez o Brasil na ordem da modernidade. Entretanto, no afã (compreensível) de superar o anacronismo em que o Brasil se encontrava em relação à arte moderna européia, incorreu-se em outro: o de sobrepor a imagem moderna do artista gênio à figura do artesão submetido à uma série de preceptivas artísticas anteriores à noção romântica de criação artística.

Há algum tempo, percebe-se certo esgotamento da historiografia da arte colonial de filiação modernista. Aos poucos, esboça-se no debate sobre arte colonial brasileira, certo consenso acerca da necessidade de revisão de alguns conceitos como, por exemplo, o de artista. Na esteira deste debate, considerando a existência no mundo lusitano de uma teoria da arte, proponho indagar um texto fundamental para o século XVIII artístico lusitano sobre o conceito de arte em vigor na época. Mais especificamente, proponho analisar no tratado de pintura de Philippe Nunes, *Arte da Pintura. Symmetria, e perspectiva* – único tratado



## XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

português escrito e publicado em língua vernácula – a importância da categoria de invenção para a definição de arte. Refletir sobre “invenção” implica refletir sobre “composição”. Ao definir pintura, Nunes exclui a noção de composição. Desde Alberti, era justamente na composição que o pintor engenhoso mostrava ao público suas grandes invenções. Assim, refletir sobre tal ausência no tratado português, me parece um fértil caminho para entender o artista colonial e reconhecer-lhe o talento, ou melhor, o engenho. Retomando o exemplo do grande Aleijadinho, todos concordam que ele foi, se não o maior, um dos maiores escultores do séc. XVIII brasileiro. Se considerarmos o conjunto de preceptivas artísticas que vigoravam na época, sobretudo as que se referem à composição e invenção da obra, fica claro que não o foi porque tenha encarnado o “*homo brasiliensis*” como queria Mario de Andrade, mas porque superou o modelo vindo da metrópole lusitana surpreendendo pela riqueza de procedimentos formais e expressivos.

### **Artista colonial, preceptivas artísticas, Philippe Nunes**